

Madalena Klein
Márcia Lise Lunardi¹

Currículo na Educação de Surdos: Relações de Poder e Práticas de Significação

Resumo:

O propósito deste artigo é tematizar a educação de surdos sob uma perspectiva curricular em função de alguns resultados de uma pesquisa desenvolvida junto a uma escola de surdos. Pretendemos trazer à educação de surdos os temas emergentes que fazem parte dos novos mapas culturais que permeiam a educação em geral. Abordaremos neste artigo as relações de poder e as práticas de significação presentes no currículo das escolas de surdos.

Palavras-chaves:

Currículo - Educação de Surdos - Poder - Saber - Práti-

cas Discursivas - Cultura.

Introdução

O presente artigo é consequência das discussões iniciadas quando da realização de uma pesquisa, no ano de 1996, na disciplina de Seminário Avançado - Políticas Educacionais para Surdos I do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Durante as discussões nesta disciplina, foram apresentadas sete variáveis que possibilitam a análise das políticas educacionais nas escolas de Surdos.² Entre essas variáveis escolhemos duas delas, a fim de orientar a nossa pesquisa: - o nível das atitudes, os estereótipos e as representações soci-

ais frente aos Surdos e à Surdez, e a estrutura e a seqüência dos objetivos pedagógicos e a continuidade do projeto educativo.

Para a realização da pesquisa, partimos das contribuições de uma escola de Surdos da cidade de Porto Alegre³, desde seus registros históricos e regimentais, como também a interlocução, através de entrevistas, com os profissionais da mesma.

A estrutura e a seqüência dos objetivos pedagógicos e a continuidade do projeto educativo nas escolas se materializam através do currículo em suas diferentes manifestações: currículo em ação, currículo oculto e currículo formal (PARAISO, 1995; SILVA,

¹ Mestranda em Educação do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - na Linha de Pesquisa de Políticas de Exclusão e Participação em Educação Especial.

² As variáveis são o resultado de pesquisa realizada por Carlos Skliar (1996), criando instrumentos de análise das políticas educacionais, com o objetivo de traçar um novo paradigma na educação de Surdos, numa concepção sócio-antropológica da Surdez, contrapondo-se ao modelo clínico-terapêutico, dominante em grande parte nas escolas. As variáveis utilizadas são as seguintes: - Reconhecimento do fracasso educativo em suas raízes e em suas conseqüências pessoais, cognitivas, lingüísticas e comunicativas; - O nível de atitudes, os estereótipos, e as representações sociais frente aos Surdos e à Surdez; - A situação lingüística da comunidade educativa; - A participação da comunidade de Surdos nas decisões lingüísticas e educativas da escola para Surdos; - A estrutura e a seqüência dos objetivos pedagógicos e a continuidade do projeto educativo; - A ideologia educativa e a arquitetura funcional; - A pressão das políticas e práticas de integração escolar e social.

³ Trata-se aqui de uma Escola Especial para Surdos de 1º grau incompleto, de orientação religiosa, de natureza privada filantrópica. Formam seu quadro docente 9 professores/as e aproximadamente 80 alunos.

1995). Acreditamos que o currículo se constitui em um dos temas emergentes nas discussões referentes a um novo projeto educativo para os Surdos.

Entendemos o currículo não como mera e simples seleção de conteúdos, técnicas e métodos, como abordam teóricos ligados a uma pedagogia tradicional. Ele tem, sim, implicado em si relações de poder caracterizadas pela decisão de questões como, que tipo de conhecimento vale mais, ou mesmo, o conhecimento de quem é que vale mais. (APPLE, 1995). Ou seja, currículo é o resultado da seleção de alguém, de um grupo, acerca do que seja considerado conhecimento legítimo. O currículo, assim, traduz uma cultura, e como tal vai produzindo sentidos, significados que irão constituir diferentes sujeitos (SILVA, 1995). As relações sociais vividas pela criança no espaço escolar vão formando nela modos de perceber e de se conduzir no mundo.

Nosso trabalho se desenvolverá a partir dos seguintes recortes em relação ao currículo: currículo como prática de significação e currículo como relações de poder. Estes temas serão sustentados a partir da Teoria Crítica do currículo, que nos ajudará a contrapor os fragmentos dos discursos recolhidos durante a pesquisa. A opção por uma abordagem sociológica do currículo compreende o fato de que o conhecimento corporificado

como currículo educacional não pode ser analisado fora de sua esfera social e histórica.

Currículo como prática de significação

Grande parte dos discursos referentes à educação de Surdos se refere a sujeitos deficientes, cuja educação tem o objetivo de recuperar e reabilitar. Podemos ver isto num trecho do regimento interno da escola pesquisada:

** ART. 95° : ...baseia-se na identificação e atendimento das tendências naturais e espontâneas, o íntimo e a individualidade do deficiente auditivo.*

** ART. 96° : ...os componentes curriculares do nú-*

de representação social destes sujeitos enquanto falta, desvalia. Este discurso vem, ao longo das décadas, sustentando uma ideologia oralista⁵, concebendo os Surdos enquanto minoria, doentes, anormais, sendo necessário uma intervenção clínica, terapêutica, que possibilite o reenquadramento desses sujeitos ao padrão da sociedade.

A prática discursiva, enquanto significação de um sujeito deficiente, vai para além dos conteúdos legais e formais das escolas. Ela se apresenta também nas práticas cotidia-

Acreditamos que o currículo se constitui em um dos temas emergentes nas discussões referentes a um novo projeto educativo para os surdos.

cleo comum são trabalhados globalmente, em situações concretas, complementadas com reabilitação da fala e de audição.⁴

Os artigos acima mencionados são apenas alguns dos exemplos que se caracterizam enquanto práticas discursivas presentes na educação de Surdos, que vêm sendo incorporadas no discurso do senso comum. A expressão *deficiente auditivo* está impregnada

nas dos professores, respaldada num discurso do senso comum, bem caracterizado na fala de uma professora entrevistada:

"... eu acho que eles têm que saber que são surdos, tomarem consciência disso e irem prá frente porque não tem retorno isto...ter esta consciência e ver o que podem fazer de melhor na vida deles a partir disto..."⁶

⁴ Artigos retirados do Regimento Escolar da escola investigada.

⁵ Ao usarmos o termo ideologia neste contexto nos reportaremos às palavras de SILVA: "... a ideologia está relacionada às divisões que organizam a sociedade e às relações de poder que sustentam estas divisões. O que caracteriza a ideologia não é a falsidade ou verdade das idéias que veicula, mas o fato de que estas idéias são interessadas, transmitem uma visão do mundo social vinculada aos interesses dos grupos situados em uma posição de vantagem na organização social. (1995, p.23)

⁶ Recorte de uma das entrevistas realizadas com 3 professores de pré-escola e séries iniciais. As entrevistas constituíram-se de 9 perguntas básicas envolvendo a temática do currículo e a prática pedagógica. Observa-se que a transcrição das respostas ocorreu de forma literal.

Estes discursos presentes nos currículos promovem uma distância entre a intenção e a programação curricular efetiva, resultando num histórico de fracassos escolares, que na maioria das vezes, é justificado a partir de questões individuais dos alunos, ou seja, as causas do fracasso escolar são colocadas sobre o aluno, tirando a responsabilidade da escola neste processo.

O currículo pensado a partir da deficiência encontra-se amarrado a uma ideologia centrada na oralidade, promovendo mecanismos de colonização curricular, que encontram a sua materialidade em diferentes formas de organizar as práticas pedagógicas. Podemos identificar, nas escolas de

nas escolas de surdos, se apresenta como uma *ouvintização*⁷ que se coloca, enquanto um desafio, no sentido da sua superação através de estratégias de descolonização. Para que isto se materialize, precisamos enquanto comunidade educativa, ver o currículo como uma rede de significados que se constitui a partir dos discursos e atos, não como um produto petrificado e cristalizado. Acreditamos que o currículo possa ser um espaço de contestação e reversão a esta imobilidade/linearidade pedagógica presente nas escolas de surdos.

O currículo pensado a partir da deficiência encontra-se amarrado a uma ideologia centrada na oralidade promovendo mecanismos de colonização curricular, que encontram a sua materialidade em diferentes formas de organizar as práticas pedagógicas.

surdos, diferentes formas de colonização curricular que, segundo Skliar (1997, p.258-259) seriam sete: - currículo para deficientes mentais, currículo para ouvintes, currículo para deficientes da linguagem, currículo audiológico/audiométrico, currículo exclusivamente gramatical, currículo de beneficência laboral e um currículo salva-vidas.

A colonização do currículo,

“...Os significados e as representações dominantes só poderão ser subvertidos e contestados se tivermos uma concepção histórica e social sobre a forma como eles são produzidos. Só assim o currículo será não um território, definitivamente descolonizado, mas um território no qual o olhar e a perspectiva imperial dos grupos de ‘ocupação’ estarão sob constante

contestação e questionamento”.

(Silva, 1996, p.209)

Currículo e Relações de Poder

Sabemos que o conhecimento corporificado no currículo está vinculado a relações de saber e poder, que em última instância, são relações sociais onde grupos ou indivíduos estão subordinados à vontade e ao arbítrio de outros, que se vêem enquanto privilegiados e legitimadores de um conhecimento/saber “oficial” ao qual deve-se submeter.

Como o poder se manifesta através de linhas divisórias, entre diferentes grupos sociais relacionados ao gênero, etnia, raça e outros, podemos incorporar esta discussão na educação dos surdos. Uma das formas de se manter o poder na escola é através dos saberes, selecionados como válidos, dentro do currículo, que dizem respeito a uma cultura que se legitima e se transmite nos atos e nas relações que se constroem na escola. Para as outras culturas restam espaços marginais que serão ocupados em função dessa cultura hegemônica.

⁷ Analogia proposta por Skliar para referir-se aos mecanismos de colonização curricular nas escolas de surdos onde há uma “... subordinação de todo o currículo ao ensino da oralidade.” (1997, p.260)

Ao pensar a escola para surdos e como foi e é construído o seu currículo, podemos perceber que nela prevalece uma visão homogeneizante, onde se transmitem conteúdos que desconhecem a diversidade destes alunos. Poderíamos dizer que, na escola de surdos, se estabelecem relações de poder em que a oralidade vem sendo tratada como base da construção do currículo e as discussões e tentativas de reconhecimento da Língua de Sinais e da Cultura Surda se apresentam, enquanto resistência a essa pedagogia hegemônica que, segundo Giroux e Simon, "*nega as vozes, as experiências e histórias pelas quais os estudantes dão sentido ao mundo*" (1995, p.95).

Ao pensar a escola para surdos e como foi e é construído o seu currículo, podemos perceber que nela prevalece uma visão homogeneizante, onde se transmitem conteúdos que desconhecem a diversidade destes alunos.

Na pesquisa realizada, pode-se constatar através do regimento escolar, o quanto se privilegiam, nessa escola, as questões relacionadas à oralidade enquanto saber legitimado na educação de surdos, negando as vozes, as experiências e as histórias da comunidade surda representada pelos alunos. Evidencia-se isso nos artigos extraídos do regimento:

* ART. 93º : A escola organiza suas grades curriculares em consonância com:

- a. princípios de legislação vigentes.
- b. política educacional do Sistema Estadual de Ensino.
- c. filosofia e objetivos da

escola.

* ART. 8º . objetivos: III, oferecer condições que favoreçam o crescimento global do educando em termos de:

a....com vistas à formação de esquemas iniciais de comunicação oral significativa.

O currículo precisa ser visto e analisado não apenas como uma operação cognitiva, em que se determinam conteúdos a serem aprendidos. Ele é, sim, uma prática discursiva em que saber/poder estão imbricados em narrativas individuais ou coletivas constituindo sujeitos auto-regulados através do disciplinamento dos indivíduos para a vida em sociedade.

Popkewitz, ao fazer sua análise sobre a história do currículo, aponta-o, enquanto constituidor de regulações sociais, ou seja, o currículo enquanto disciplinador de sujeitos:

"...Nas escolas aprende-se não apenas sobre o que fazer e o que conhecer. Aprender gramática, ciências ou geografia é também aprender disposições, consciência e sensibilidades em relação ao mundo que está sendo descrito. Minha ênfase no conhecimento curricular está dirigida a vincular nossas formas de falar e raciocinar- as formas pelas quais nós 'dizemos a verdade' sobre nós mes-

mos e sobre os outros - com questões de poder e regulação." (1995, p.185)

Se tomarmos como exemplo os setes modelos de currículo analisados por Skliar, percebemos que se evidenciam práticas de disciplinamento destes sujeitos surdos no sentido de uma oralização e de uma preparação para a inserção no mercado de trabalho, onde o padrão de "cidadão" a ser construído seja um surdo branco, cristão, do sexo masculino, de cultura européia, oralizado e disciplinado para o mundo do trabalho. Exemplificamos isso através da fala de uma das professoras entrevistadas:

"...Devemos avaliar o que é necessário para ele hoje. O que está ajudando para o crescimento dele como pessoa, enquanto sujeito ativo, enquanto sujeito que vai procurar um emprego, o que é mais importante ele ter? (SIC) vamos preparar o surdo para eles saírem daqui e trabalharemos no mercado..."

Ao centrar-se a discussão do currículo em questões somente cognitivas e conceituais, esvaziamos o tema das suas implicações referentes ao enquadramento dos corpos e dos sentidos. Na história da educação dos surdos, encontramos inúmeras práticas em que estes são moldados a papéis para os quais são destinados. Os intermináveis treinamentos auditivos, a proibição do uso das mãos são claros exemplos do que Foucault, citado por Silva, chama de "controlar corpos incontrolláveis".

"... Ao ter o corpo como seu objeto (invisível), o currículo permite torná-lo útil, produtivo, instrumental, capaz em determinadas direções e para determinados fins." (Foucault, 1977, apud Silva, 1995, p. 203)

Se quisermos efetivamente colocar em questão o currículo nas discussões da educação de surdos, precisamos recuperar uma política educacional que esteja comprometida com a cultura surda, até então, negada nas diferentes práticas e conteúdos escolares. Neste sentido nos apropriamos das palavras de Santomé:

"... É preciso que as instituições escolares sejam lugares onde se aprenda, mediante a prática cotidiana, a analisar como e por que as discriminações surgem, que significado devem ter as diferenças coletivas e, é claro, individuais. É necessário que todo o vocabulário político que faz parte da evolução democrática de uma sociedade, ou seja, palavras como **poder, justiça, desigualdade, luta, direitos** não se convertam num vocabulário academicista, referido a contextos históricos e espaciais distantes, longe da vida cotidiana de nossa comunidade". (1995, p.176-177)

Considerações Finais

Estamos entrando em um período de mudanças, mudanças que vão em direção a um conjunto de condições sociais, que estão reestruturando os mapas sociais e culturais dessa época. Neste contexto de reformulações, novos sujeitos

estão sendo constituídos e com eles, novas identidades e posições sociais.

A comunidade surda e seus participantes não se encontram ausentes deste processo, pelo contrário, observa-se um momento de fortes mudanças no discurso fomentado por esta comunidade. É um discurso novo e borbulhante, e ao mesmo tempo, ameaçador diante do velho discurso tradicional.

E nos questionamos, agora frente a esse novo quadro social que está sendo traçado pela comunidade surda: como

trabalhar com a escola de surdos que reproduz ainda um modelo colonial de currículo?

Enquanto profissionais engajados nessas discussões, precisamos, em parceria com a comunidade surda, desenvolver algumas alternativas que viabilizem a construção e a elaboração de uma proposta curricular que possa refletir as visões e representações da comunidade surda. Esta proposta deve projetar materiais curriculares e pedagógicos contra-hegemônicos. Este é o momento para *descolonizar o currículo*⁸.

Referências Bibliográficas

- BERNARDI, R.M. Currículo no Ensino de 1º Grau: Problemas e Desafios. In: CÔSSIO, Ma. de F. (Coord.): Projeto Político Pedagógico. Bagé, EDIURCAMP, 1995, pp. 64 a 69.
- CHERRYHOLMES, C.H. Um Projeto Social para o Currículo: Perspectivas Pós-Estruturais. in: SILVA, T.T. da. (org) Teoria Educacional Crítica em Tempos Pós-Modernos. Porto Alegre, 1993, Artes Médicas, pp. 143 a 172.
- FRIZZO, M.N. e DREWS, S.B.T. A Função da Escola na Construção do Currículo para Séries Iniciais. In: *Ibidem.* pp. 70 a 74.
- MOREIRA, A.F.B. e SILVA, T.T. da. Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo, Cortez Editora, 1995.
- POPKEWITZ, T.S.: História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: SILVA, T.T. da.: O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos. Petrópolis, Vozes, 1994.
- SÁ, C.P.de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. in: SPINK, M.J. (org) O Conhecimento no Cotidiano: as Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social. São Paulo, Brasiliense, 1993, pp. 19 a 45.

· SANTOMÉ, J.T.: As culturas negadas e silenciadas no currículo. in: SILVA, T.T.da. Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, Vozes, 1994.

· SILVA, T.T.da: Descolonizar o Currículo: Estratégias para uma Pedagogia Crítica. in: COSTA, M.V. (org) Escola Básica na Virada do Século: Cultura, Política e Currículo. Porto Alegre, FAGED/ UFRGS, 1995, pp. 30 a 36.

· SKLLAR, C. La historia de los sordos: una cronologia de malos entendidos y de malas intenciones. Conferencia presentada al III Congreso Latinoamericano de Educación Bilingüe. Mérida, Venezuela. 1996

· _____ Un análisis preliminar acerca de las representaciones sociales sobre la sordera y sobre los sordos. 1996.

· _____ A Reestruturação Curricular e as Políticas Educacionais para as Diferenças: Caso dos Surdos. In: SILVA, L.H. da. (org.): Identidade Social e a Construção do Conhecimento. Porto Alegre, Ed. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 1997.

⁸ Termo usado por Tomaz Tadeu da Silva para indicar que o currículo escolar, hoje, está impregnado de princípios colonialistas.